

está arrumada. A professora acredita que, dessa maneira, os alunos tenham condições de elevar sua auto-estima, preocupando-se em estar bem e aparentar estarem bem. A própria professora comprou uma parte desses objetos ou conseguiu a doação dos mesmos.



Figura 20 – Vista do “Cantinho da Beleza”, onde a Professora Luzia ensina os alunos a manter em alta a auto-estima.

Fonte: BORDEST, R. (2000).

C – O CANTINHO DE CIÊNCIAS

O cantinho de ciências procura despertar no aluno o interesse pelas ciências biológicas e exatas e pelo meio em que vivem. Em uma das prateleiras há materiais que são utilizados em pequenas experiências cotidianas, que envolvem o cotidiano dos alunos, como, por exemplo, noções de higiene e limpeza do ambiente em que vivem. Na outra prateleira, há modelos em resina do esqueleto humano, e outro modelo com os órgãos internos e plantas que são

cuidadas pelos alunos. É o local preferido dos alunos, depois do cantinho de estudos sociais.



Figura 21 – O Cantinho das Ciências, exibido pela Professora Luzia e um de seus alunos.

Fonte: BORDEST, R. (2000).

6.2.1- Origem, idade e gênero das crianças entrevistadas

Das 12 crianças entrevistadas, somente duas não nasceram na comunidade. Não existem crianças nascidas em outro Estado, o que pode também indicar a relativa estabilidade das relações familiares. Todas as crianças moram ali, praticamente, desde o nascimento, sendo que a grande maioria se encontra na faixa de idade que vai de 5 a 10 anos, e dois alunos com idade entre 10 e 14 anos. Segundo a professora, os mais velhos apresentam alguns

problemas de aprendizagem, de maneira que permaneceram mais tempo na escola. No quesito gênero, o número de meninos e meninas é igual, sendo 50% para cada gênero, acompanhando a porcentagem da comunidade.

LOCAL DE NASCIMENTO	Nº CRIANÇAS
Várzea Grande	01
Livramento	01
Tarumã	10

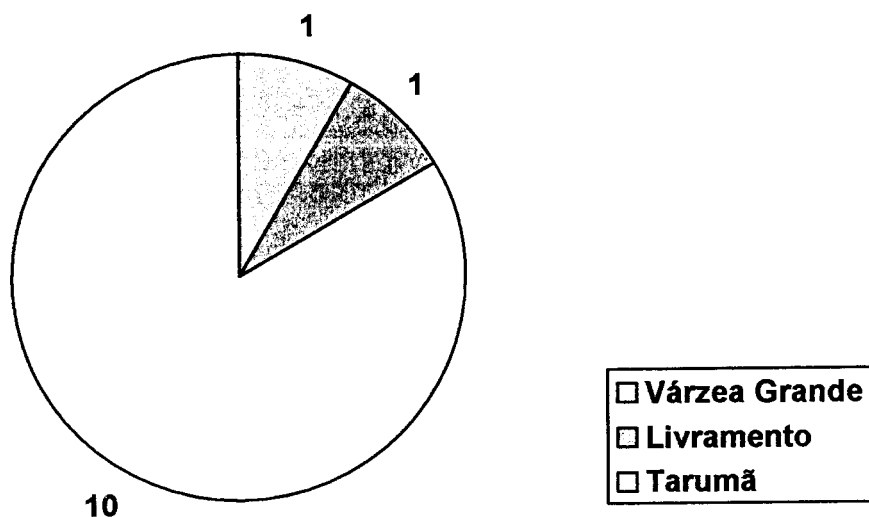


Figura 22 – Local de nascimento das crianças.

FAIXA ETÁRIA	Nº ESTUDANTES
De 05 a 10 anos	10
De 11 a 14 anos	02

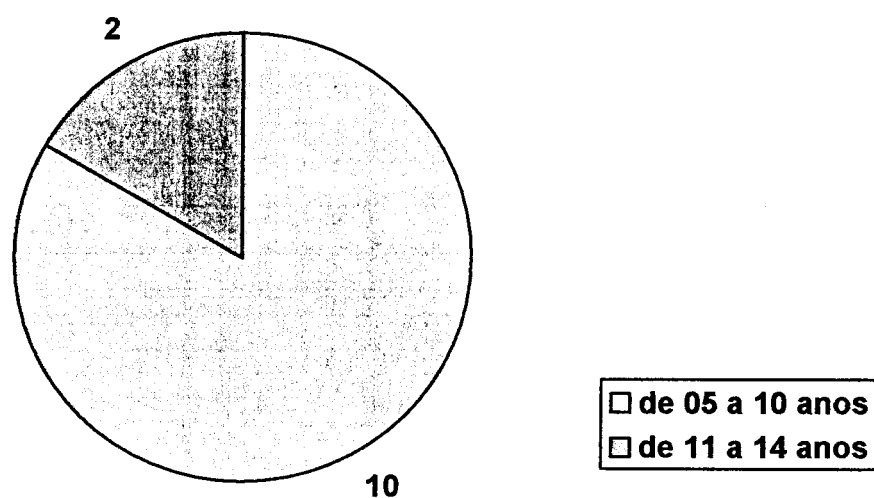


Figura 23 – Faixa Etária das Crianças.

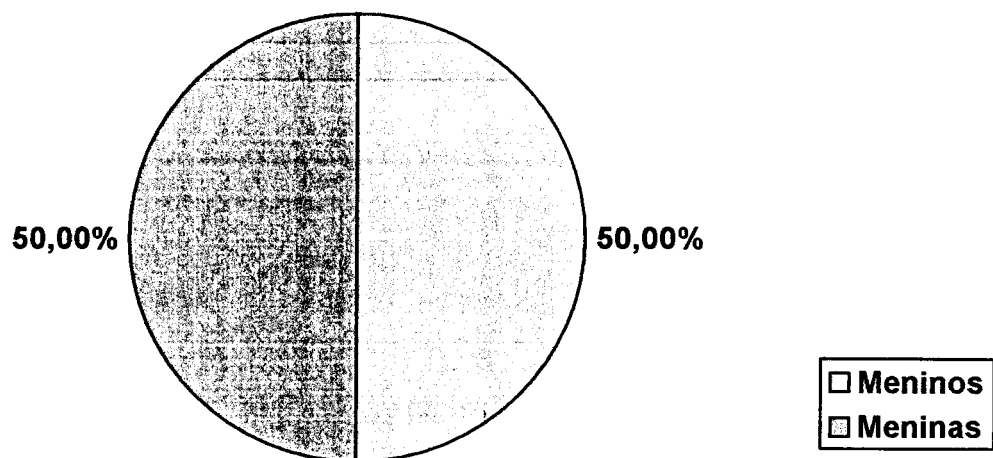


Figura 24 – Gênero das crianças entrevistadas.

6.2.2- O que as crianças gostam mais na escola

Quando indagamos sobre o que as crianças mais gostavam na escola, a unanimidade foi para os “cantinhos”, sendo que o que mais chama a atenção das crianças é o de Estudos Sociais, seguido pelo de Ciências, em segundo lugar, e por último, o da beleza. Eles gostam dos mapas e, principalmente, do globo terrestre. Em relação ao esqueleto e ao modelo em plástico com alguns órgãos internos, do cantinho de ciências, alguns alunos o consideram “esquisito”, sentindo-se desconfortáveis. Os menores têm um pouco de medo da “caveira”. Os que têm preferência pelo cantinho da beleza gostam do espelho e, principalmente, dos produtos que a professora deixa na mesinha, como perfumes e sabonetes.

CANTINHO DA ESCOLA	Nº DE ALUNOS
Cantinho de Ciências	04
Cantinho de Estudos Sociais	06
Cantinho da Beleza	02

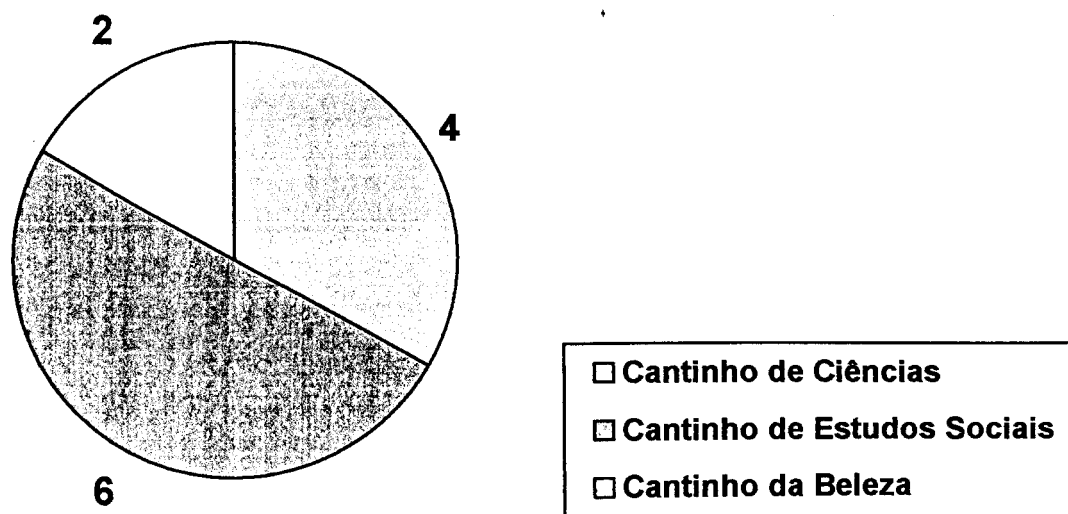


Figura 25 – Preferência dos alunos da escola pelos cantinhos montados.

6.2.3– Cotidiano das crianças – Atividades

Das crianças da escola, nenhuma afirmou trabalhar para ajudar na renda familiar, mas disseram ajudar nas tarefas domésticas, dentro de casa, e externamente, capinando e ajudando na plantação de produtos que serão utilizados pela família. Todos gastam boa parte de seu tempo livre com brincadeiras na própria comunidade.

São brincadeiras: peladas de futebol, de vôlei, esconde-esconde, pau-a-pique, bandeira, queimada, soltar pipa, tomar banho de rio, etc.

Em casa, as crianças, em especial as meninas, ajudam a limpar, passar, cozinhar, arrumar e, externamente às atividades de casa, ajudam a cuidar da roça e pescar, sendo essas tarefas delegadas preferencialmente aos meninos.

7. O AMBIENTE

Há variados conceitos sobre o meio ambiente. Há, inclusive, uma discussão sobre o fato do vocábulo “ambiente” já incluir a idéia de “meio”, de maneira que usá-las em conjunto seria uma redundância. Alguns desses muitos conceitos concebem o ambiente físico somente, excluindo o homem e suas ações. Sendo as ações antrópicas as que causam mais impactos ao ambiente, entendemos não ser possível tal exclusão, muito pelo contrário, consideramos um indissociável do outro.

Segundo AGUIAR (1995), o ambiente é um sistema complexo e dinâmico das relações e interferências recíprocas, que só pode ser analisado sob uma visão totalizante, que não deixa de incluir os aspectos naturais, sociais, econômicos, políticos e jurídicos.

A questão ambiental, em nível global, ganhou maior expressão a partir da década de 70, levando nações a promover encontros para discutir políticas de ações conjuntas, como o objetivo de combater os problemas ambientais que afligem a humanidade.

Para SANTOS (1997), a única utopia realista é a ecológica e a democrática. É realista porque baseada na própria realidade, fundamentada na contradição da exploração capitalista, visando a acumulação constante de capital

e o custo dessa exploração, representada pela finitude dos recursos naturais do planeta.

GUARIM (2000) também é adepta de tal assertiva, quando afirma que

“...o conceito de “sustentabilidade ambiental” diz respeito ao fato de que as funções ecossistêmicas devem estar aliadas ao senso de responsabilidade que as gerações presentes devem ter em relação às futuras, de forma que a maneira e o uso dos recursos naturais devem ser feitos para conservar e preservar a capacidade de sustentação do ambiente”.

A diferença de consumo entre os países do Hemisfério Sul e os do Norte é fator preocupante, pois os habitantes do Norte não parecem dispostos a modificar esse modo de vida. A globalização também é apontada por vários autores como a responsável pela ausência do Estado, enquanto instituição, nas gestões macro-econômicas, enquanto as multinacionais aumentam seu poder de decisão e as novas tecnologias avançam.

Houve alguns avanços nas discussões internacionais, como a Assembléia das Nações Unidas, em junho de 1972, de onde surgiram vários princípios norteadores das políticas ambientais no mundo, dentre os quais citamos : o desenvolvimento econômico e social é indispensável para a melhoria da qualidade de vida; é indispensável um trabalho de educação em questões ambientais, visando tanto as gerações jovens como adultas (GRASSI, 1995).

Segundo DIAS (1994), a Declaração dessa Conferência pugnou pela defesa e melhoria do meio ambiente para as gerações presentes e futuras, como um objetivo urgente da humanidade, ressaltando que, para atingir esse objetivo,

novas estratégias deverão ser objeto de ação. Assim como a solidariedade e a equidade das relações entre as nações devem embasar a nova ordem internacional e fomentar, o quanto antes, a reunião de todos os recursos existentes.

A Conferência de Tbilisi, em 1977, na Geórgia, foi a primeira Conferência Intergovernamental onde elaborou-se a Declaração da Conferência Intergovernamental de Tbilisi sobre educação. DIAS (op cit), considera este documento o mais importante para a evolução da Educação Ambiental, que pouca repercussão teve no Brasil. A recomendação nº 02, em especial, contém algumas finalidades, objetivos e princípios que estão diretamente relacionados ao trabalho que realizamos em Tarumã:

- Como finalidades, citamos:
 - Ajudar a compreender a importância da interdependência econômica, social, política e ecológica nas zonas urbanas e rurais;
 - Propiciar a todas as pessoas a possibilidade de adquirir conhecimentos, valores, interesse ativo e atitudes necessárias para a proteção do meio ambiente;
- Nas categorias dos objetivos, citamos:
 - Ajudar os indivíduos e grupos sociais a adquirir consciência e conhecimento acerca dos problemas ambientais, de modo a propiciar-lhes um comportamento participativo, tomada de atitudes e uma participação ativa para resolução desses problemas.

- Dentre os princípios diretores da EA, destacamos que a mesma deve:
 - Considerar o meio em sua totalidade, ou seja, em seus aspectos naturais e criados pelo homem;
 - Constituir-se num processo contínuo e permanente;
 - Aplicar um enfoque interdisciplinar;
 - Utilizar diversos ambientes educativos e uma ampla gama de métodos para comunicar e adquirir conhecimentos acerca do meio ambiente.

No anseio de dar uma resposta a essas questões, ainda no contexto internacional, citamos a Agenda 21, que é um programa de ação baseado num documento de 40 capítulos, que constitui a mais ousada e abrangente tentativa já realizada de promover, em escala planetária, um novo padrão de desenvolvimento, conciliando métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica. Sendo um documento considerado consensual, para o qual contribuíram governos e instituições da sociedade civil de 179 países, observou um processo preparatório que durou dois anos e culminou com a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), em 1992, no Rio de Janeiro, também conhecida por Rio-92.

Mais do que um documento, a Agenda 21 é um processo de planejamento participativo que analisa a situação atual de um país, Estado, município e/ou região, e planeja o futuro de forma sustentável. Esse processo de planejamento deve envolver todos os atores sociais na discussão dos principais problemas e na

formação de parcerias e compromissos para a sua solução a curto, médio e longo prazos. A análise é o encaminhamento das propostas para o futuro devem ser feitas dentro de uma abordagem integrada e sistêmica das dimensões econômica, social, ambiental e político-institucional. Em outras palavras, o esforço de planejar o futuro, com base nos princípios de Agenda 21, gera produtos concretos, exeqüíveis e mensuráveis derivados de compromissos pactuados entre todos os atores, fator esse, que garante a sustentabilidade dos resultados.

(Ministério do Meio Ambiente, 2000)

No Brasil, a primeira formulação de uma política nacional do meio ambiente surge em 1981, com a Lei n.º 6.938/81, tendo por objetivo "a preservação, a melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, visando assegurar, no país, condições ao desenvolvimento sócio-econômico, aos interesses da segurança nacional e à proteção da dignidade da vida humana".

No entanto, embora esta lei estivesse em plena vigência, não produzia efeitos satisfatórios, pois seu fundamento de validade era a Carta Constitucional de 1967/69, que não apresentava uma definição de meio ambiente enquanto interesse difuso. Deste modo, aqueles que desejassem proteger o meio ambiente ficavam condicionados a fazê-lo em nome de interesses individuais .

Com a atual Constituição de 1988 (Art. 225), ficou estabelecido que todos têm direito a um meio ambiente ecologicamente equilibrado e, por isso, é dever das coletividades e do poder público defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações, em vista de um ambiente sadio, como condição inerente à

dignidade humana (CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA, 1988).

O texto constitucional, ao valorizar a ação popular em conjunto com a ação civil pública na defesa dos direitos difusos globais, está assegurando a prática da cidadania - objetivo essencial de um regime político democrático. Mas para que o povo brasileiro em seu todo venha a conquistar realmente esses direitos, faz-se necessário, segundo o sociólogo e educador DEMO (1993), uma participação organizada da sociedade em termos de um compromisso de cooperação e co-responsabilidade.

Tal participação concretiza-se pelos movimentos populares e pelas organizações sociais comunitárias e profissionais, como associações de moradores, de pais e mestres, as cooperativas de produção, de comercialização, de habitação e os sindicatos.

O fato é que uma sociedade não-organizada tem menores condições de defender seus próprios interesses frente aos interesses dominantes do Estado, é, historicamente, interesses dos grupos econômicos politicamente organizados; pois, apesar de ser o Estado representante da sociedade civil no sentido de garantir o bem-estar social de todos, na realidade, verifica-se que o poder público tende a atender uma minoria da sociedade: os grupos política e economicamente dominantes.

Assim, somente por meio de grupos sociais organizados, com base constitucional, é que as populações ou comunidades terão força de controlar e obrigar os órgãos públicos (federais, estaduais e municipais) a tomarem decisões

e medidas de fiscalização e de intervenção nas ações agressivas ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos do consumidor etc., garantindo, enfim, uma melhor qualidade de vida dos cidadãos (DEMO, 1993).

Apesar de haver já um certo progresso das formas de organização social no Brasil, ainda persiste uma desmobilização generalizada das comunidades e populações locais em torno de seus legítimos interesses e direitos.

Trata-se de um resultado histórico de processos sócio-econômicos de dominação, pelos quais grupos sociais privilegiados conseguiram domesticar a sociedade mais ampla na linha de seus interesses por meio de políticas compensatórias e assistencialistas, que têm de longa data, dificultado a dinâmica da organização social no País (DEMO, 1991).

“Basta consultar as estatísticas para identificar o modelo de desenvolvimento mantido pelos grupos político-econômicos hegemônicos no Brasil, aos quais convém igualmente uma sociedade que concentra 53% da riqueza nacional nas mãos de um por cento (1%) da população, quando 49,2% vivem na alienação dos direitos de cidadania, na imobilização e na ignorância, à margem das políticas econômicas e sociais (GARCIA, 1993)”.

Nessa perspectiva, poder-se-á efetivar gradativamente uma atitude de cidadania enraizada na educação escolar, em vista de uma conscientização das populações brasileiras sobre a necessidade da busca dos seus direitos, bem como da aceitação dos respectivos deveres.

Considerando-se outro lado da questão, verifica-se que, muito embora o consumo dos recursos naturais tenha aumentado em grande desproporção, sendo

o produto expropriado tratado como renda, aqueles a quem o Banco Mundial chama de “pobres”, sendo esses grande parte do mundo, não conseguem atingir ou ultrapassar os níveis básicos de consumo que lhe garantam um mínimo de subsistência. Ou seja, espolia-se a capacidade de suporte do ecossistema planetário, sem que exista uma adequada compensação para a população do globo terrestre (CAVALCANTI, 1999). Para LEONARDI (1999),

“O desenvolvimento não pode mais ser tratado como sinônimo de crescimento. A natureza se desenvolve, os ecossistemas evoluem e atingem suas fases de clímax. Nada cresce indefinidamente na natureza física. Uma bola de neve pode expandir-se exponencialmente, mas o resultado disso é sempre um desastre. Por detrás da evolução e do desenvolvimento dos sistemas naturais, existe a homeostase pondo cobro aos absurdos expansionistas.”

No contexto atual mundial, existe a percepção de que não é possível, do ponto de vista ecológico, uma generalização mundial dos padrões tecnológicos de produção e consumo como ocorre, atualmente, nas economias industriais. Os impactos ecológicos produzidos por esses atuais padrões tecnológicos extrapolam populações locais ou pontos geográficos limitados, atingindo um patamar superior de magnitude, ao afetar populações e regiões (LEONARDI, 1999).

7.1– Ambiente e a comunidade

7.1.1– A visão dos moradores sobre ambiente e a intervenção do gasoduto

A visão de ambiente dos moradores é bastante diversificada, sendo que

mais da metade dos habitantes não sabe o que quer dizer ambiente. Coincidentemente, as pessoas que se encontram nessa perspectiva são aquelas que não possuem educação formal ou possuem poucos anos no ensino oficial, em geral estudaram até 03 anos, no máximo.

Entre aqueles que têm a visão da natureza enquanto mundo natural, excluindo o homem, estão adultos com um pouco mais de escolaridade e o grupo que incluiu o homem foi, definitivamente, o dos adolescentes que sempre freqüentaram e freqüentam a escola.

Os nossos dados simplesmente reforçam toda a fundamentação sobre a necessidade da educação para o homem, para que ele se enxergue como parte integrante do todo e possa ter uma postura que o permita inserir-se no seu ambiente e questionar qualquer modificação que a ele se apresente, ponderando sobre a necessidade e a viabilidade dessas mudanças.

Quadro 04 – O ambiente na visão dos moradores.

Respostas dos Moradores sobre o que eles entendem por meio ambiente	Porcentagem
Não sabe o que é, nunca ouviu falar, não tem bem certeza	54,16%
As plantas, os bichos, a terra, a roça, o rio	20,84%
Tudo, a Terra, os animais, o seres humanos	25,00%
TOTAL	100,00

Em relação à visão dos moradores do ambiente com a interferência do gasoduto, com raras exceções, 91,66% dos habitantes demonstram medo e insegurança em relação ao empreendimento. Transcrevemos abaixo alguns desses depoimentos dos moradores, que dão uma idéia de medo e insegurança:

- *“Para que serve? Pode fazer algum mal?”*
- *“Pode acontecer acidente?”*
- *“...se não tem perigo de explodir?”*
- *“Nunca ninguém falou nada sobre o gasoduto, queria explicação de alguém da firma sobre os perigos que podem acontecer, o que fazer se tiver algum problema...”*
- *“Se não tem perigo, uma explicação melhor porque não sabe nem para onde correr.”*
- *“Tenho medo, fico pensando... não pode deixar as crianças, imagine se risca um fósforo, com brincadeira, corre perigo...”*

Apenas 8,34 % não demonstraram preocupação com o gasoduto, pelo menos, não no momento:

- - *“Passou aí e tudo bem, por enquanto está bem, por enquanto.”*

Quadro 05 - A visão dos moradores do ambiente com a interferência do gasoduto.

ENTREVISTADOS	VISÃO DO AMBIENTE COM A INTERFERÊNCIA DO GASODUTO
23	medo, insegurança, receio, muita preocupação
01	indiferença

A – De onde vem o gasoduto?

Quando perguntamos aos entrevistados de onde vem gasoduto, ou seja, qual a sua origem, 23 moradores demonstraram ter conhecimento sobre a origem do gasoduto, sendo que apenas um morador afirmou não saber de onde o gasoduto vem.

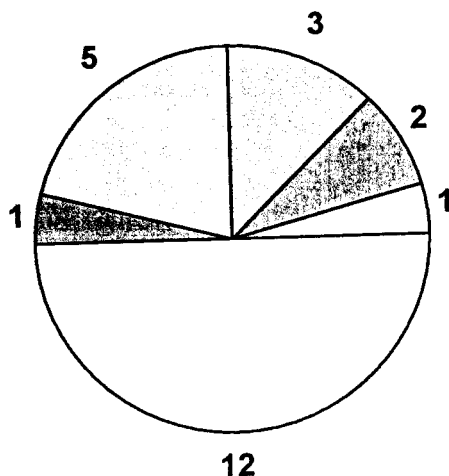
Quadro 06 – Resposta dos entrevistados sobre a origem do gasoduto.

Resposta dos entrevistados	
Bolívia	23
Não sabe	01
TOTAL	24

B – Para onde vai o gasoduto?

Dos 24 entrevistados, 50% acertaram a cidade de destino do gasoduto, ou seja, Cuiabá. Em contrapartida 8,33% dos moradores não sabem para onde vai o gasoduto e 12,5% não têm certeza se vai para Cuiabá ou Várzea Grande. Um morador citou a usina hidrelétrica, mas acreditamos que “ termoelétrica” e “hidrelétrica” sejam termos que possam ser facilmente confundidos por uma pessoa leiga.

Resposta dos entrevistados	
Cuiabá ou Várzea Grande, não tem certeza	03
Cuiabá – Usina Termelétrica	02
Usina hidrelétrica	01
Cuiabá	12
Acha que vai para Poconé	01
Não sabe	05
TOTAL	24



<input type="checkbox"/>	Cuiabá ou Várzea Grande, não tem certeza
<input type="checkbox"/>	Cuiabá - Usina Termelétrica
<input type="checkbox"/>	Usina hidrelétrica
<input type="checkbox"/>	Cuiabá
<input checked="" type="checkbox"/>	Acha que vai para Poconé
<input type="checkbox"/>	Não sabe

Figura 26 – Para onde vai o gasoduto?

C – Para que serve o gasoduto?

Quando perguntados sobre a função do gasoduto, um pouco mais da metade dos habitantes disse desconhecer tal função. A outra metade se aproximou um pouco, mencionando a geração de energia, mas ficando distante

do fato do gasoduto transportar o gás. Nós achamos tais dados preocupantes, em função da segurança do empreendimento e das pessoas que o envolvem.

Os depoimentos abaixo indicam a falta de informações para esse moradores:

“O gás está suspendendo o preço... se barateia o gás é bom, porque nós todos ocupamos o gás”.

“No começo falaram que ia baixar o preço do gás, mas em vez de abaixar, está cada vez subindo mais..”.

“Para que serve? Pode fazer algum mal? Pode acontecer acidente? Como tomar mais cuidado, explicar melhor sobre o gasoduto. Não sei direito o que é.”

“Será que não é para sair a luz?”

Resposta dos entrevistados	
Combustível para carro	01
Gerar energia	07
Gerar energia e melhorar o ar	01
Transmitir o gás	03
Melhorar o gás de cozinha	03
Não sabe (“...falam que é para luz...”)	09
TOTAL	24

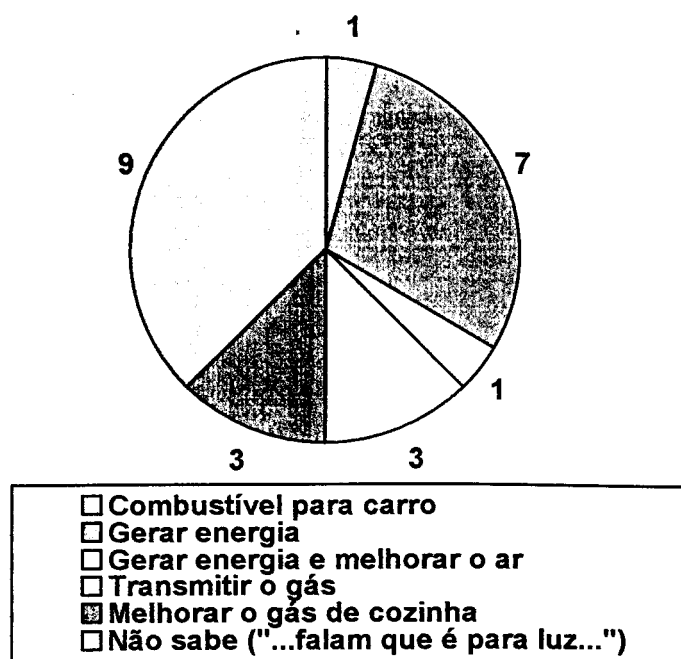


Figura 27 – Para que serve o gasoduto?

D – Como ficou sabendo sobre o gasoduto?

Pelos dados obtidos, houve uma pluralidade de fontes de informações sobre o gasoduto, sendo as principais o contato com os trabalhadores da obra de implantação do gasoduto e através do rádio. Com menos expressão, aparecem as palestras na escola e outros. Há somente duas referências e panfletos e manuais.

Ora, em uma comunidade onde a maioria dos habitantes não tem luz elétrica nem televisão, não é de se espantar que as informações cheguem melhor através de um radinho de pilha, que todos têm em casa.

Ninguém falou em jornais, aparecendo muito pouco as opções “revistas” e “panfletos”. A baixa escolaridade dos adultos da comunidade pode explicar o

desinteresse pelas informações escritas. A empresa nos forneceu vários exemplos de panfletos e manuais que, segundo eles, foram distribuídos entre as comunidades vizinhas ao gasoduto.

O que não esperávamos e nos surpreendeu foi o fato de grande dos partes dos moradores afirmar ter recebido informações dos trabalhadores da obra, o que pode indicar o valor dado pelos moradores à educação informal e ao contato humano, visto ter sido esse o “trabalho” de educação que surtiu mais efeito que todos os panfletos planejados e destinados a eles.

Entretanto, pela transcrição dos depoimentos abaixo, percebe-se a insegurança e o desejo de serem melhor informados sobre o empreendimento:

- *“quero saber mais sobre o gasoduto, receber mais informações, mais material.”*
- *“se não tem perigo de explodir?”*
- *“Nunca ninguém falou nada sobre o gasoduto, queria explicação de alguém da firma sobre os perigos que podem acontecer, o que fazer se tiver algum problema...”*
- *“Se não tem perigo, uma explicação melhor porque não sabe nem para onde correr.”*
- *“queria uma melhor explicação sobre o que é, para que serve, por uma pessoa responsável pelo serviço, para ficar mais orientado.”*
- *“Se tiver algum problema, não sei.”*

Respostas dos entrevistados	
Palestras na escola	04
Reuniões	01
Jornais	--
Revistas	01
Rádio	07
Televisão	02
Colegas de trabalho	01
Ouviu comentários dos trabalhadores da obra	09
Manual que alguém deixou	01
Panfletos	02
Não sabe informar, não lembra	04
TOTAL DE ENTREVISTADOS	24

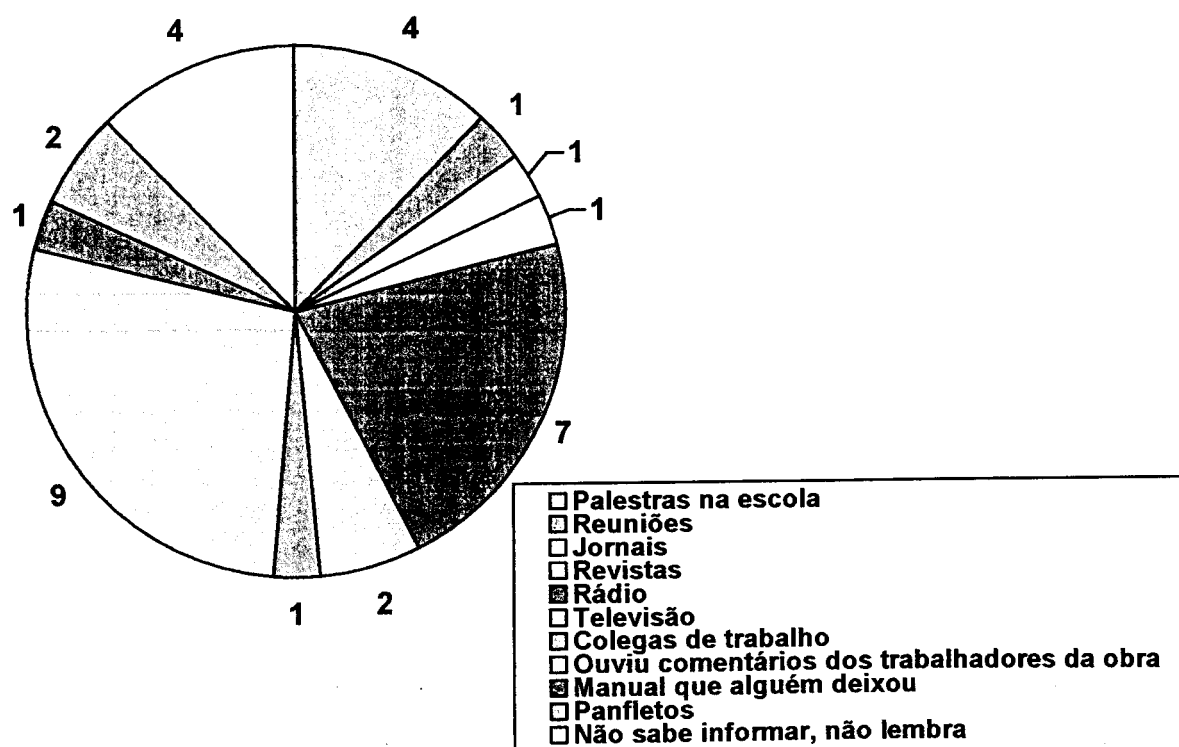


Figura 28 – Como ficou sabendo sobre o gasoduto?

D – Qual a visão da comunidade sobre o ambiente e a interferência do gasoduto?

Quando indagamos a opinião dos moradores sobre o gasoduto, percebemos que eles não têm muita noção do papel do gasoduto e aqueles que afirmam ser o empreendimento bom, condicionam à vinda da luz.

Preocupante é o número de pessoas que considera o gasoduto perigoso demonstrando, também, ausência de informações que os tranquilizem.

- *“A minha maior preocupação é o gás...já pensou se começa a vazar?”*
- *“Tenho medo de deixar as crianças chegar perto, já pensou se risca um fósforo?”*

Contudo, todos mencionaram, por unanimidade, a tomada de atitudes como: manter-se afastado do gasoduto, não plantar em cima, não escavar, não construir, tomar cuidado com o fogo (queimada) perto dele.

RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS	
Muito bom	01
Bom (se for para ter luz)	09
Mau	02
Não sei (acha que tem perigo)	05
Perigoso	07
TOTAL	24

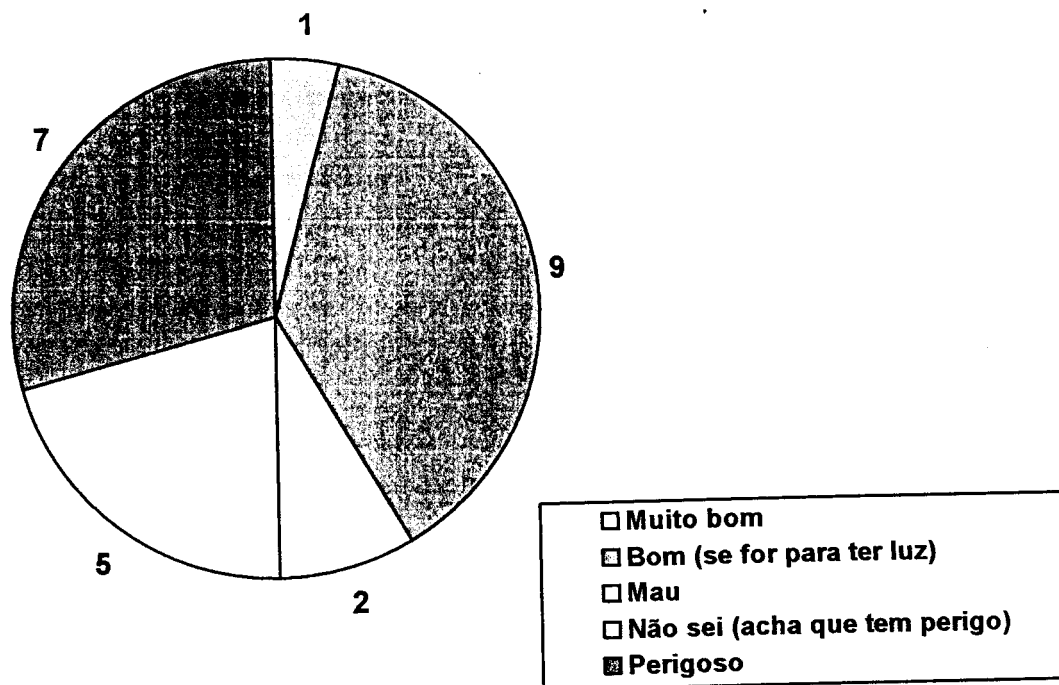


Figura 29 – O que os moradores pensam do gasoduto.

7.2– A visão dos alunos sobre o ambiente e a intervenção do gasoduto

Nas visitas, notamos uma integração muito grande entre os alunos, a professora e o ambiente. A temática “ambiente” é familiar e tema diário e constante em sala de aula, não se restringindo às matérias cujo conteúdo explicita mais aspectos do ambiente natural.

Talvez nós estejamos, sem ter a noção exata disso, presenciando uma geração mais preocupada com os aspectos que envolvem o meio que nos cerca.

Acreditamos, por uma série de fatores concorrentes, como a extrema dedicação da professora, facilitada pelo número reduzido de alunos, que permite um trabalho de educação ambiental mais direcionado, os alunos da escola de Tarumã apresentam essa visão holística do meio ambiente, integrante e

totalizadora, incluindo, além da natureza física, também os seres humanos. Não incluíram o cultural expressamente, mas, ao incluir o homem, entendemos que suas manifestações aí se encontram também. Dos 12 alunos entrevistados, 100% responderam que meio ambiente é tudo: flora, fauna, a terra e o seres humanos, o ar, tudo.

É surpreendente perceber o quanto a educação contribui para a melhoria da qualidade de vida do ser humano. Os alunos sentem-se à vontade com a presença do gasoduto, mas muito provavelmente essa certeza vem da informação por eles recebidas.

Dos 12 alunos entrevistados 83,33% afirmaram não sentir medo de estar próximo ao gasoduto, tendo uma visão positiva do gasoduto, considerando, principalmente, os benefícios trazidos pelo empreendimento. Os restantes 16,66% afirmaram sentir um certo medo do gasoduto, mas não demasiado.

Todos os estudantes responderam de onde vem o gasoduto. Talvez pelo fato de “Bolívia” ser um nome tão diferente, guardá-lo seja mais fácil.

B – Para onde vai o gasoduto?

Dos 12 alunos entrevistados, 50% soube informar qual o destino do gasoduto, mencionando a usina termoeletrica de Cuiabá. 33,33% dos entrevistados informaram que o gasoduto vai para Cuiabá, sem mencionar a usina, o que também consideramos como fator positivo. Somente 16,66% dos estudantes disseram que o gasoduto vai para Várzea Grande. Mesmo não sendo

Várzea Grande a cidade de destino final do gasoduto, de Tarumã o gasoduto, de fato, segue para Várzea Grande.

Resposta dos entrevistados	
Cuiabá	04
Cuiabá – Usina Termelétrica	06
Várzea Grande	02
TOTAL	12

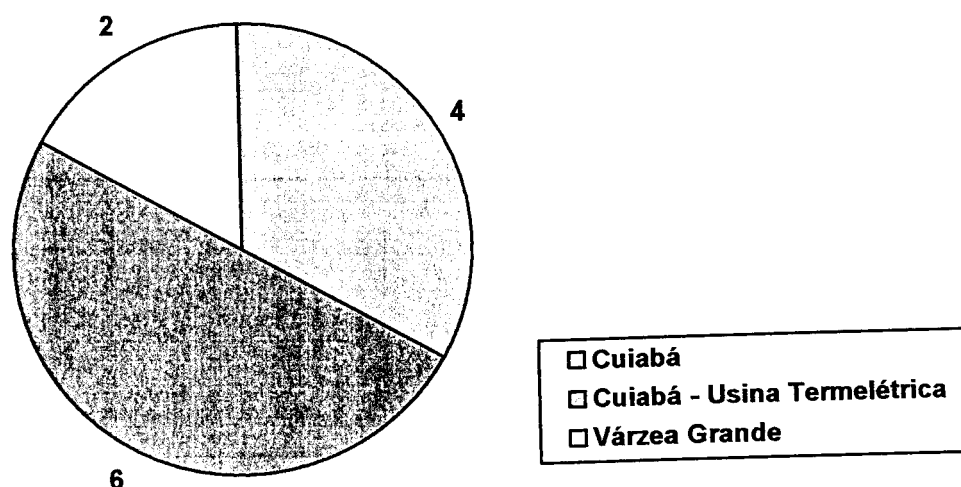


Figura 30 – Para onde vai o gasoduto?

C – Para que serve o gasoduto?

Das 12 crianças entrevistadas na escola, cerca de 75% das crianças afirmaram que o gasoduto serve para transmitir o gás. 33,33% mencionaram a geração de energia e 16,66%, além de mencionar a energia, também agregaram

uma das propaladas vantagens do gás em relação à combustão de combustíveis fósseis, que é a chamada combustão limpa, que polui menos que aqueles combustíveis.

Resposta dos entrevistados	
Gerar energia	04
Gerar energia e melhorar o ar	02
Transmitir o gás	06
TOTAL	12

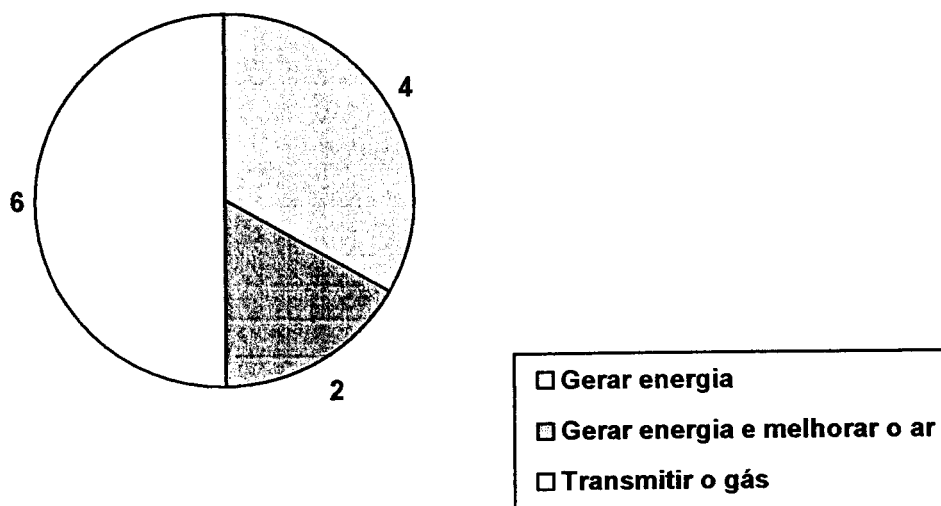


Figura 31 – Para que serve o gasoduto?

D – COMO FICOU SABENDO SOBRE O GASODUTO?

100% das crianças citaram as palestras na escola como fonte de informação sobre o gasoduto. Novamente, notamos a importância da escola na

formação dessas crianças. Percebemos que a maior parte das informações que estas crianças receberam foi através da escola. 66,66% escutaram informações sobre o gasoduto no rádio. Na ausência de energia elétrica e, conseqüentemente, de um aparelho de televisão, novamente o rádio aparece como importante meio de comunicação na comunidade rural tradicional. Mesmo assim, 33,33% das crianças afirmaram ter obtido informações sobre o gasoduto através da televisão. Notamos que a mesma criança citou outras fontes de informação, como rádio, televisão e revistas.

Respostas dos entrevistados	
Palestras na escola	12
Revistas	02
Rádio	08
Televisão	04
TOTAL DE ENTREVISTADOS	12

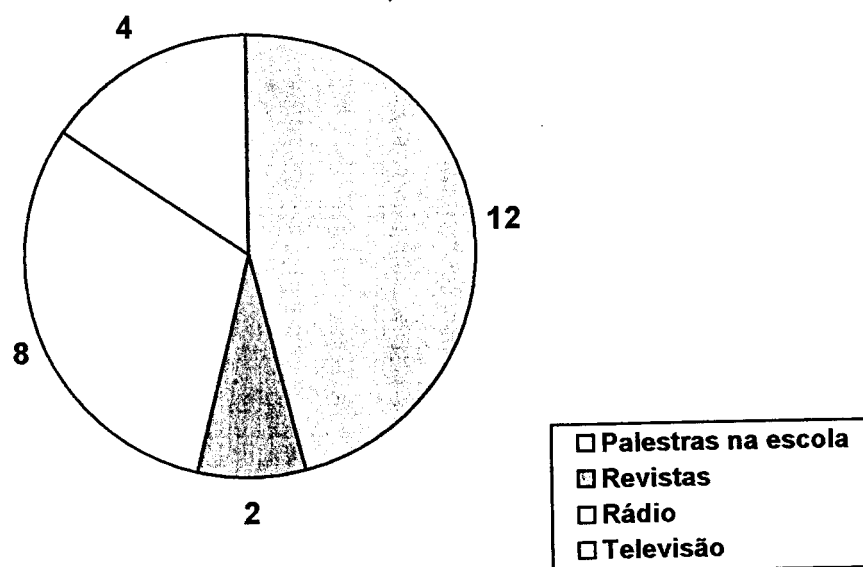


Figura 32 – Como ficou sabendo sobre o gasoduto?

D –A visão das crianças sobre o ambiente coma interferência do gasoduto

Das 12 crianças entrevistadas, 66% das crianças acham o gasoduto bom, mas não sabem responder a razão de pensar assim; O restante das crianças não sabe bem o que pensar do empreendimento. Novamente, percebemos a ausência de informações que permitam às crianças ponderar e pensar sobre o papel do gasoduto em suas vidas. Entretanto, todas as crianças citaram as coisas que não devem fazer sobre o gasoduto: plantar em cima, escavar, construir, etc.

RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS	
Bom	08
Não sabe o que pensar	04
TOTAL	12

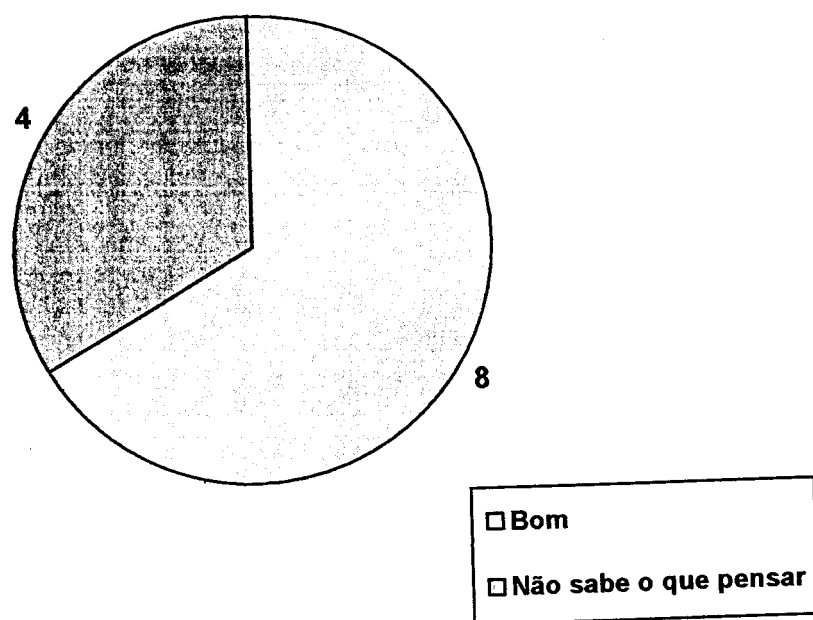


Figura 33 – A visão das crianças sobre o ambiente com a interferência do gasoduto.

CONCLUSÃO

Em todos os contatos com a comunidade, participando do cotidiano dos moradores, consideramos que eles vivem muito felizes e contentes do local onde moram e das coisas que possuem.

Através das idas e vindas à comunidade, com as interlocuções e as entrevistas, desvendando suas expectativas, chegamos à conclusão de que não houve um trabalho de educação ambiental direcionado à comunidade, tendo em vista os pressupostos norteadores da educação ambiental, ou seja, uma educação para o meio e que realmente faça diferença na vida deles.

O trabalho informativo feito com a comunidade e a comunidade escolar teve por foco principal a preocupação com a integridade do gasoduto, ou seja, educou os moradores para se manterem afastados do gasoduto.

Ao mesmo tempo, é preocupante pensar que aqueles moradores convivem com receio e incerteza sobre o empreendimento, pois acreditamos que isso afete diretamente a qualidade de vida desses moradores.

Essa realidade é o fato da comunidade de Tarumã ter absorvido os impactos negativos referentes ao empreendimento, citando como exemplo a restrição ao direito de uso da propriedade, delimitada pela faixa de servidão administrativa e o fato de conviver com o medo de que algo perigoso aconteça;

por outro lado, os impactos positivos, que seriam os benefícios trazidos pelo empreendimento, infelizmente, ainda não tiveram como destinatários os habitantes de Tarumã, pois o gasoduto transporta gás, que produz energia, que por sua vez move as turbinas da Usina Termelétrica de Cuiabá, produzindo por sua vez energia elétrica. Energia elétrica pela qual anseia grande parte dos moradores da comunidade, carentes desses recursos, cuja ausência é inimaginável nos dias atuais.

Detectou-se, então, a real necessidade da implantação de um programa de educação ambiental que se estenda além da faixa de servidão e seus desdobramentos, mas se faz necessário não somente para resolver problemas relacionados à segurança intrínseca do gasoduto, como “não andar na faixa de servidão”, “não plantar árvores com raízes profundas”, “não escavar”, etc., mas sim que proporcione à comunidade meios de compreender seu mundo, inserir-se nele a ponto de poder fazer escolhas e rejeitar o que não lhes convier. Que os faça cidadãos de seu mundo.

Por outro lado, encontramos uma comunidade carente dos recursos mais básicos, diríamos até em total estado de abandono pelo poder público, com renda familiar também muito baixa, sem muitas condições de vida com a qualidade desejável, ausentes os serviços públicos indispensáveis à sadia qualidade de vida, como: coleta de lixo, rede de esgotos ou fossa séptica, água tratada e encanada e luz elétrica. Somente três casas possuem luz elétrica, obtidas em parte com recursos próprios e em parte com a “permuta” do próprio

direito de voto, na época da última eleição, pela chegada da luz elétrica, conforme informações dos próprios moradores.

A ausência dessas condições básicas de saneamento pode afetar diretamente a saúde desses moradores, podendo causar doenças e fatalmente sobrecarregar, por sua vez, o sistema de saúde do Município, pois a saúde também se relaciona diretamente às condições sanitárias e de higiene.

Uma orientação a esses moradores sobre como exercer os direitos inerentes à cidadania também seria muito bem vindo, direitos esses diretamente relacionados ao direito à vida, de ordem constitucional. O direito garantido por lei é letra morta e inoperante se não puder ser exercido. Por esse motivo, a necessidade daquela comunidade se organizar civilmente, através de uma associação, por exemplo, para poder exercer seus direitos garantidos por lei, até mesmo por via judicial, se for necessário, para poder exigir do Poder Público o cumprimento de suas atribuições por lei estabelecidas, para que a comunidade como um todo tenha um mínimo de qualidade de vida.

Nossa última imagem, que não nos sairá da memória tão cedo, mostra um casal de idosos abraçados, na porta de uma casinha simples, rodeada de grama e árvores. Nenhum é alfabetizado, vive ali há mais de 50 anos. Vive de benefício do INSS. Ela, já cega, na esperança de que o “gás” de cozinha abaixe de preço por conta do gasoduto, para que ela não tenha o trabalho de acender o fogo a lenha para cozinhar, que é ainda umas das poucas coisas que sua cegueira lhe permite fazer; ele, que cria algumas vacas “por boniteza”, como ele mesmo

define, pois a idade não lhe permite mais nem ordenhar as vacas e, após quase meia hora penteando o cabelo para a foto, parecia muito contente e sorridente com a nossa visita, ambos com as roupas de domingo, muito arrumadinhos, fazendo pose e perguntando quando seria a próxima visita, oferecendo um licor do local.

O material da empresa, embora muito bem elaborado, não conseguiu atingir as pessoas da comunidade como se pensava que atingiria, sendo que percebe-se que para aqueles moradores, ficou na memória as informações que vieram através de outras pessoas, em especial, os trabalhadores da obra, denotando talvez o alto valor dado à educação informal, para a Educação Ambiental, visto nas relações pessoais, em detrimento de material escrito. A baixa escolaridade e a ausência do hábito de leitura também podem ter contribuído para a baixa disseminação de informação pelas cartilhas.

SUGESTÕES

Os contatos com as pessoas da comunidade de Tarumã foram suficientes para detectar necessidades de ações educativas em caráter formal e não formal, visando a melhoria de qualidade de vida desses habitantes, valorizando o ambiente e, em contrapartida, o próprio habitante, especialmente pelo fato daquelas pessoas não sentirem a menor vontade de deixar o local de origem, para os que ali nasceram, ou que escolheram ali habitar, por qualquer outro motivo.

- Primeiramente, mister se faz a organização daquela comunidade civilmente. Isso traria grandes benefícios aos moradores, pois, uma vez organizados em uma associação; negociações nesse sentido estão atualmente sendo feitas, através de convênio com uma universidade em Cuiabá, pois “organizar civilmente” é uma figura legal e jurídica, necessitando os moradores de apoio técnico;

- Uma vez organizados, poderão:

- 1) exigir do poder público mais próximo a implantação de facilidades, como saneamento básico, mesmo que fosse de acordo com as condições da comunidade.

- 2) como está, sem água encanada ou mesmo uma fossa séptica, não deve

ficar;

- 3) pleitear melhoras de infra-estrutura, como obtenção de luz elétrica;
- 4) estudar alternativas em relação do lixo, exigindo sua coleta ou mesmo estudando alternativas de como proceder com o mesmo, pois, como há sempre, no mínimo, um membro da família lidando com a terra, uma coleta seletiva do lixo, com aproveitamento do lixo orgânico seria muito bem vinda;
- 5) O espaço da escola poderia ser ampliado, com pelo menos duas salas de aula, uma pia para cozinha e outra para o banheiro, que servisse não apenas para educar crianças do ciclo básico até a 4ª série, mas que a educação se estendesse até o final do ciclo básico, na 8ª série, pois é mais fácil deslocar um professor que deslocar vários alunos do local. E isso criaria oportunidade para os adultos da comunidade estudarem, também.
- 6) Além da educação formal, o espaço da escola também poderia ser utilizado para a promoção de cursos profissionalizantes e direcionados à atividades de interesse da população, pois a grande maioria demonstra interesse em cuidar da terra em atividades agrícolas; os produtos da terra poderiam ser melhor aproveitados, também;
- 7) Um programa de geração de renda e microcrédito, com algum investimento, também seria bem vindo, pois as pessoas da

- comunidade apresentam vários talentos, como produção de artesanato e alimentos como doces e outros, passíveis de aproveitamento;
- 8) Uma educação para o ambiente, com a valorização do ser humano que nele se insere, que seja estendida a todos os moradores, além do espaço da educação formal;
 - 9) Como são todos católicos, uma pequena capela, como uma regularidade de culto é muito desejável, visto que a locomoção de tantas pessoas para Livramento seria muito difícil;
 - 10) Desenvolvimento de atividades com as crianças e os adolescentes, para evitar que se “desencaminhem” com drogas e marginalidade, ou que abandonem a escola. Qualificação para esses jovens, respeitando seus anseios.
 - 11) Maior regularidade no contato da empresa que gerencia o gasoduto com os habitantes, para transmitir um mínimo de segurança, em relação à passagem do gás ali tão vizinho. Percebe-se que o contato pessoal surte mais efeito que a frieza de panfletos ou cartilhas, por melhor elaboradas que sejam;
 - 12) Um telefone público para a comunidade é imprescindível, para colocar seus habitantes em contato com telefones de emergência, caso algo aconteça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, R. de. *Direito do meio ambiente e participação popular*. Brasília: IBAMA, 1994.

ARAÚJO, Rosalina Correia de. *Direitos da natureza no Brasil*. Rio de Janeiro, Liber Iuris, 1992. 188 p.

BERMANN, C. *Energia no Brasil: Para quê, para quem? Crise e alternativas para um país sustentável*. Fase, São Paulo, 2002.

BNDS. *Gás natural, reservas, produção e consumo*. Cadernos de infra-estrutura 4, Rio de Janeiro 1997.

BODGAN, R.C. & BILKEN, S.K., *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e métodos*. Tradução – Alvarez, M.J. Portugal, Editora Porto, 1994.

BRANDÃO, C.R. *O que é educação*. 33ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1995.

BRASIL, *Constituição da República Federativa do Brasil*. 11ª ed., atualizada e ampliada. São Paulo, Saraiva, 1995.

CADERNOS DE EDUCAÇÃO, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Ano II nº 03, Brasília – CNTE, 1997.

CEMAT/ENRON. *Informações sobre o projeto Cemat-Enron*. Mimeo, Cuiabá, maio, 1996.

CONFERÊNCIA DE ARGEL (1976)

V CONFERÊNCIA DE CÚPULA DOS PAÍSES NÃO-ALINHADOS.

CONSTITUIÇÃO: República Federativa do Brasil. Brasília, Senado Federal,

1988. 292 p.

CONAMA 1/96 (1996)

CONAMA 237/97 (1997)

D'ANGELIS (1992),

Declaração Universal dos Direitos do Homem, ONU

DEMO, Pedro. *Participação é conquista: noções de política social participativa*. 2 ed. São Paulo, Cortez, 1993. 176 p.

DEMO, Pedro. *Pobreza política*. 3 ed. São Paulo, Cortez, 1991. 111 p.

DIAS, G.F. *Educação ambiental. Princípios e práticas*. 3ª ed. São Paulo: Gaia, 1994

FERREIRA, J.C.V. *Breve histórico de Mato Grosso e seus municípios*. Cuiabá – MT, 1999.

FERREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1992

FERREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*, 21ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

FURTADO, C. *Formação Econômica no Brasil*. São Paulo, Nacional, 1971.

GALEANO, E. *Veias abertas da América Latina*. 15ª Ed, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GAMBOA, S.S. Quantidade – qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. In: GAMBOA, S.S. (org.). *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. São Paulo: Cortez, 1995 (Coleção questões de nossa época), v.42.

GUARCIÁ, Regina Leite. *Educação ambiental - uma questão mal colocada*. In: Cadernos CEDES, 29: 31-7. Edit. Ambiental/Papirus, Campinas, 1993.

RASSI, F.D. *Direito ambiental aplicado*. Frederico Westphalen: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões, 1995.

RESSLER, L. *Pesquisa Educacional – Importância; Modelos; Validade;*

Variáveis; Hipóteses; Amostragem; Instrumentos. 2ª edição. Edições Loyola. São Paulo – 1983. Coleção “Realidade Educacional”.

GUARIM, Vera Lucia M.S. Educação e sustentabilidade ambiental em comunidades ribeirinhas tradicionais. Cuiabá – Instituto de Educação, 200. Tese apresentada ao Programa Integrado de Pós Graduação da UFMT, na Área de Educação e Meio Ambiente.

IBGE, *Censo Demográfico*, 2000.

JAAKKO POYRY ENGENHARIA/ENRON SERVIÇOS DO BRASIL. *Relatório de Impactos Ambientais. RIMA do Gasoduto Bolívia-Mato Grosso*. Cuiabá, Mato Grosso, 1998.

JAAKKO POYRY ENGENHARIA/ENRON SERVIÇOS DO BRASIL. *Relatório de Impactos Ambientais. RIMA da Termelétrica à Gás Natural em Ciclo Combinado*. Cuiabá, Mato Grosso, 1997.

LEITE, A.D. *A energia do Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997.

LEONARDI, M.L. *A educação ambiental como um dos instrumentos de superação da insustentabilidade da sociedade atual*. In CAVALCANTI, C. (Org.) Meio Ambiente, Desenvolvimento e Políticas Públicas. São Paulo: Cortez, 1997.

LEONARDI, M.L.A. *Enonomia do meio ambiente: teoria, políticas e a gestão de espaços regionais*. 2ª ed., Campinas, SP: UNICAMP, IE, 1999.

LIMA, J.L. Políticas de governo e desenvolvimento do setor de energia elétrica: do Código de Águas à crise dos anos 80 (1934-1984). Memória da Eletricidade, Rio de Janeiro, 1995.

LUDKE, M. & ANDRÉ M.ED.D.A *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. – São Paulo, EPU, 1986. (Coleção Temas básicos de educação e ensino)

LUDKE, M. & ANDRÉ M.ED.D.A *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. – São Paulo, EPU, 1975. (Coleção Temas básicos de educação e ensino)

MANN, P.H. *Métodos de investigação sociológica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MARTA, J.M.C. *Imperialismo, globalização e energia: o caso de Mato Grosso*. Campinas, SP.2002. Tese de Doutorado.

MARTA, J.M.C. *Fumaça e progresso um drama de treva e luz*. In: Revista de Estudos Sociais, EdUFMT, Cuiabá, 1999.

MARTA, J.M.C. & GUERRA, S. M-G. *Luz no campo ou o antiótimo de Pareto*. Anais do 3º Agrener, Unicamp, Campinas, 2000.

MARX, K. *O capital*. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

MAZZILLI, Hugo Nigro. *A defesa dos interesses difusos em juízo: meio ambiente, consumidor e patrimônio cultural*. 3 ed. São Paulo, Editora Revista dos Tribunais 1991. 266 p.

MEDINA, N.M., MACIEL, R.A. & CAPOROSSO, A.M.C. *Educação ambiental – uma nova perspectiva*. SME/UFMT, Série Cadernos Pedagógicos. Cuiabá, 1994.

MIRANDA ROSA, F.A. *Sociologia do direito, o fenômeno jurídico como fato social*. 6ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

PIAIA, I.I. *Geografia de Mato Grosso*. Cuiabá, MT, EdUNIC, 1997.

Plano de Metas (1995/2006),

PREFEITURA DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO

QUINTAS, J.S. *Mobilização social, educação ambiental e gestão*. In: Cadernos do IV Fórum de Educação Ambiental. I Encontro da Rede Brasileira de Educação Ambiental. Rio de Janeiro, Associação Projeto Roda Viva, 1977.

REVISTA SUPER INTERESSANTE, edição de maio de 2000.

RIBEIRO, O. *História da eletricidade de Mato Grosso*. CEMAT. Ed. Comemorativa dos 25 anos, 1983.

SANTOS JÚNIOR, Belissário dos. *Direitos Humanos: um debate necessário*. São Paulo, Brasiliense, 1988. 174 p.

SATO, M. *Educação para o ambiente amazônico*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, 1997.

SORRENTINO, M. *Educação ambiental e universidade: um estudo de caso*. São Paulo: Faculdade de Educação/USP, 1995 (Tese de Doutorado).

SORRENTINO, M. (org.) *Fórum de Educação Ambiental*. Cadernos do III Fórum de Educação Ambiental, São Paulo: Gaia, 1995.

SILVA, José Afonso da. *Curso de Direito Constitucional Positivo*. 9 ed. São Paulo, Malheiros Editores, 1992. 768 p.

TRINDADE, Antônio Augusto Cançado. *Direitos humanos e meio ambiente: paralelo dos sistemas de proteção internacional*. Porto Alegre, Sérgio Antônio Fabris Editor, 1993. 351 p.

TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1995.

UNESCO. *La education ambiental. Las grandes orientaciones de la Conferencia de Tbilisi*. Paris:1980.

Sites consultados – Internet

A AGENDA 21, site do Ministério do Meio Ambiente: <http://www.mma.gov.Br>

ANEXOS

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO 1 – ENTREVISTA COM A COMUNIDADE

- 01 – Gênero – Feminino () Masculino ()
- 02 – Onde você nasceu?
 () Tarumã () Livramento () outro município em MT _____ ()
 outro estado _____
- 03 – Há quanto tempo você mora nesta localidade?
 () desde o nascimento () 0-10 anos () 10-20 anos () mais de 20
 anos
- 04 – Qual a sua idade?
 () até 20 anos () 20-30 anos () 30-40 anos () 40-50 () 50-60
 () mais de 60
- 05 – Qual o seu estado civil?
 () casado () solteiro () separado () divorciado () outros
- 06 – Qual a sua profissão?

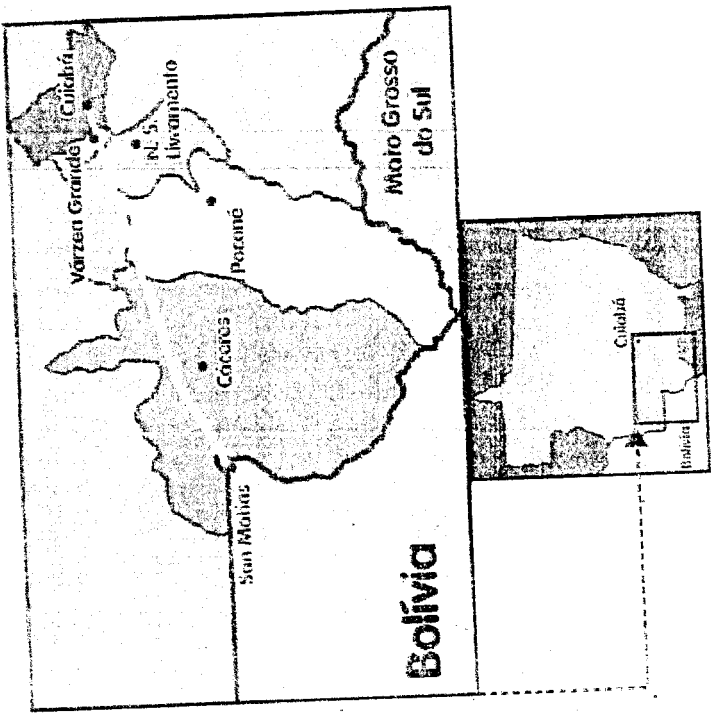
 () na comunidade () fora comum () do lar () só estudo ()
 aposentadoria
 () desemprego () trabalho informal () trabalho formal (com CTPS
 assinada)
- 07 – Qual a sua escolaridade?
 () não alfabetizado () 1ª-4ª série () 5ª-8ª série () 2º Grau ()
 Superior _____
- 08 – Qual é a renda mensal de sua família, baseada no salário mínimo (SM)?
 () < 01 SM () 01 SM () 01-02 SM () 02-03 SM () 03-04
 SM () > 04 SM
- 09 – Qual a sua visão de ambiente?
- 10 – Qual a sua visão de ambiente com a interferência do gasoduto?
 – Você sabe de onde vem o gasoduto? () Sim, vem de/o _____ ()
 Não
 – Você sabe para onde vai o gasoduto? () Sim, vai par _____ ()
 Não
 – Você sabe para que serve o gasoduto? () Sim, serve para _____ ()
 Não
- 11 – Como você ficou sabendo sobre o gasoduto? () palestras ()
 reuniões () jornais () revistas () rádio () televisão () outros
 () não fiquei sabendo
- 12 – O que você acha/pensa do gasoduto? () muito bom () bom ()
 mau () não sei () outros: _____
- 13 – Tem dúvidas sobre o gasoduto? Faça uma lista das suas dúvidas (se o
 espaço da folha não der, escreva no verso):

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO 02 – ENTREVISTA COM A COMUNIDADE ESCOLAR

- 01 – Onde você nasceu?
() Tarumã () Livramento () outro município em MT _____ () outro estado _____
- 02 – Gênero: Feminino () Masculino ()
- 03 – Qual a sua idade?
() até 05 anos () 05-10 anos () 10-14 anos () Mais de 15 anos
- 04 – Qual a sua escolaridade?
() não alfabetizado ainda () 1^a () 2^a () 3^a () 4^a
- 05 – Qual a sua visão de meio ambiente?
- 06 – Qual a sua visão de ambiente com a interferência do gasoduto?
- 07 – De onde vem o gasoduto?
- 08 – Para onde vai o gasoduto?
- 09 – Para que serve o gasoduto?
- 10 – Como ficou sabendo sobre o gasoduto?
- 11 – O que pensa/acha do gasoduto?

Município do gasoduto Bolívia - Mato Grosso



Proteja o meio ambiente conservando
o Gasoduto Bolívia - Mato Grosso



Ligações Gratuitas
800-8200
24 horas por dia,
7 dias por semana.

GASODUTO BOLÍVIA-MATO GROSSO

Fique atento para manter
as condições de segurança
utilizar o feitorado de segurança
adimado do gasoduto.

A faixa de servidão é a parte
do terreno acima e aos lados do
gasoduto, com 30 metros de largura.
É de fundamental importância que
você respeite as normas de
segurança do gasoduto, preservando
a integridade da obra, para o bem
estar de sua família e da comunidade.
Assim, durante a construção e
operação do gasoduto você será
permanente e informado
sobre como proceder
em relação ao gasoduto.

O QUE VOCÊ

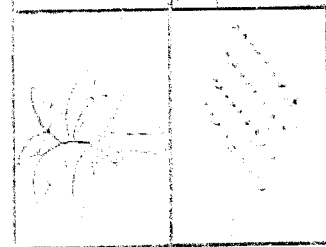
<p>Retirar ou dotificar sinalizações e outras instalações do gasoduto existentes sobre a faixa de passagem do gasoduto.</p>	<p>Explorar culturas permanentes ou plantar árvores que tenham raízes profundas e sejam de tamanho elevado, tais como: mangueiras, abacateiros, caquizeiros, jaboticabeiras, jacuiteras, caramboleiras.</p>	<p>Fazer qualquer tipo de construção, mesmo que provisórias ou de pequena porte.</p>	<p>Impedir a passagem da GasOcidente (de seus funcionários, representantes e equipamentos) ou o seu acesso à faixa de serviço, quando isso for necessário para a operação e a manutenção do gasoduto.</p>
---	---	--	---

<p>Promover queimadas e/ou acender fogareiros sem avisar antecipadamente à administração do gasoduto.</p>	<p>Utilizar explosivos.</p>	<p>fazer escavações, exceto aquelas superficiais realmente necessárias ao plantio das culturas permitidas.</p>	<p>Usar arados, grades de disco ou quaisquer implementos agrícolas de grande porte, que tenham alcance superior a 40 cm de profundidade a partir do chão.</p>
---	-----------------------------	--	---

O QUE VOCÊ

Em parte da faixa de serviço é permitido explorar culturas tais como: cana-de-açúcar, milho, mandioca, banana, etc. Para a exploração deste tipo de cultura mais compacta é preciso deixar livre um espaço com, no mínimo, 3 metros de largura, sendo 1,5 metro para cada lado da tubulação.

Em toda a extensão da faixa de serviço é permitido explorar culturas tais como: soja, feijão, arroz irrigado e sequeiro, milho, erva-mate, algodão, abóbora, caju, cebola, baterrabo, cenoura, pimentão, quiabo, repolho, tomate, abacaxi e outras de pequeno porte. Estas culturas não poderão impedir a visualização da faixa de serviço.



No caso de utilização de veículos de tração motora ou animal, deverão ser obedecidas as seguintes normas:

- a - Somente veículos leves, como carros de passeio e jipes;
- b - Somente veículos de até 10 toneladas por eixo.

Você pode andar livremente pela faixa de serviço.



PODE FAZER

UMA AVENTURA DO JOÃO BURU

CONHECENDO O CASODUTO!



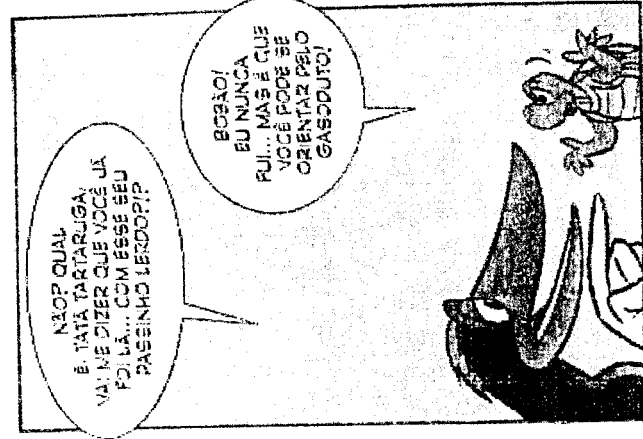
O João Buru precisa encontrar o caminho pra ir aqui do Pantanal até Cuiabá. Acabou descobrindo um jeito muito fácil de se chegar até lá... e ainda aprendeu muita coisa sobre a nova opção de energia para Mato Grosso. Ficou curioso? Leia a historinha e você também vai ficar por dentro de tudo!



CARTA DO SEU PRIMO
QUE MORAVA NO ZOO DA DE
CUIABÁ. VOCÊ VAI VISITÁ-LO.
JOÃO BURU!

QUERO IR...
MAS COMO CHEGAR
LÁ? NUNCA FUI
A CUIABÁ!

ISSO NÃO
É PROBLEMA!
JOÃO BURU!



NÃO PRA QUAL
É TÁ TÁ TÁ TÁ TÁ TÁ!
VAI ME DIZER QUE VOCÊ JÁ
FOI LÁ... COM ESSE SEU
PASSINHO LERDOO?!

BOBAO!
EU NUNCA
FUI... MAS É QUE
VOCÊ PODE SE
ORIENTAR PELO
GASDUTO!



QUE
GASDUTO?
NÃO SEI NEM O
QUE É ISSO...

VOCÊ NÃO
VIU OS TUBOS
QUE ESTÃO
CORRENDO
POR AÍ?



NO DIA SEQUINTE...

OH LÁ O GABRIUTO NAGA DA GARÇA!

AGORA FICOU FACIL! E SE ACOMPANHARI!



OH LÁ DEBATALHA! LÁ TÁ DE BUTUCA NA CERA!

VAMOS DAR UM AO PRA ELE!



AM EU SEI SEER QUE TAL VINDO O GAS NATURAL DA BARRIA ATÉ A USINA TERMOELÉTRICA EM...

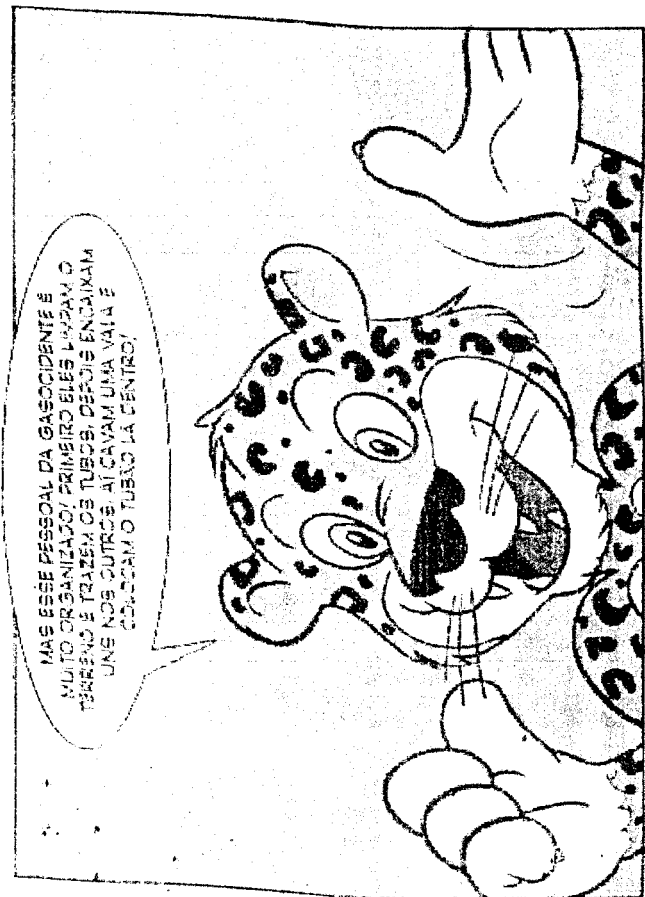
CUIABÁ!

DEMOROU!

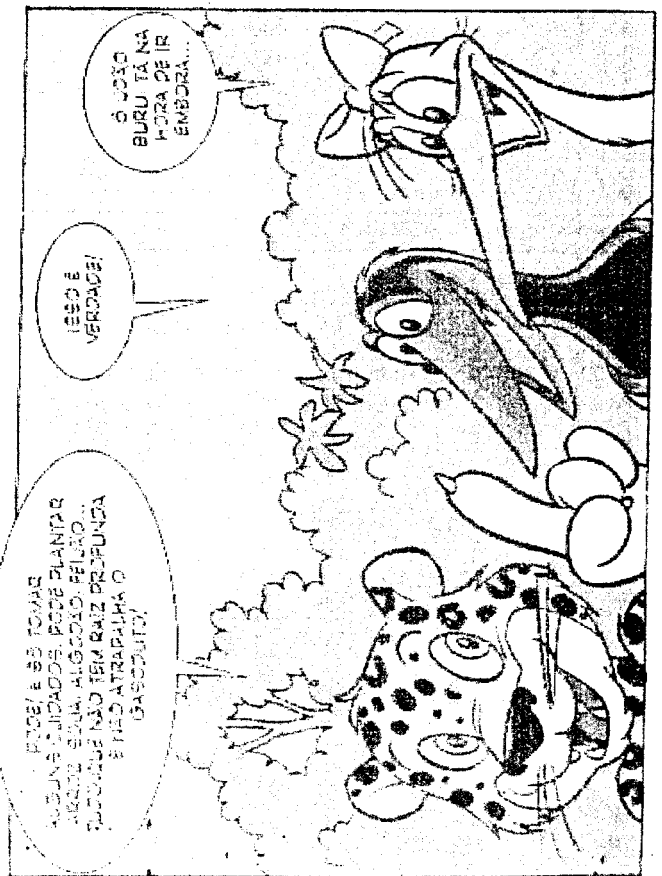


TAT, TIVE UMA IDEIA! VAMOS SEGUIR AS OBRAS DO GABRIUTO QUE A GENTE QUÊSA ATÉ CUIABÁ! EU SOU UM GENÇO!

É É TÁ ROUBANDO A MINHA IDEIA, ISSO É MÊ!









DESPOIS...

QUE LORA
QUE VOUCE CONFESOU
PARAOI ACHEI QUE JOCE
FIZO IA ENCONTRAR
O CAMINHO...

PACIL, FOI
SO SEGUIR O
GASCUITO!

GASCUITO!



CLARO! ESSE QUE IA
VINHO NA BOLSA, TIRANDO
O GAS NATURAL, PRA CLABAR...
BLA! BLA! BLA!

AH! AI! O
JURAO BLAU
FICOU IMPRESSOVEL
AGORA QUE SABE
TUDO DO
GASCUITO!

FIAM